



**FATECS – FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

**A TRANSFORMAÇÃO DA NOTÍCIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUICÍDIO
JUVENIL E SUA ABORDAGEM COM O ADVENTO DA INTERNET**

DANIELLE BAEZA NASCIMENTO

Brasília/DF, Outubro de 2008

DANIELLE BAEZA NASCIMENTO

**A TRANSFORMAÇÃO DA NOTÍCIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUICÍDIO
JUVENIL E SUA ABORDAGEM COM O ADVENTO DA INTERNET**

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor Orientador: Severino Francisco.

Brasília/DF, Outubro de 2008

DANIELLE BAEZA NASCIMENTO

**A TRANSFORMAÇÃO DA NOTÍCIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUICÍDIO
JUVENIL E SUA ABORDAGEM COM O ADVENTO DA INTERNET**

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor Orientador: Severino Francisco.

Banca Examinadora:

**Professor Severino Francisco
Orientador**

**Professora Ellis Regina Araújo
Examinador**

**Professor Sérgio Euclides
Examinador**

Brasília/DF, Outubro de 2008

DEDICATÓRIA

Dedico a todos que um dia se sentirão e de fato serão ajudados devido a clareza das informações.

“O que será que será
Que dá dentro da gente e que não devia
Que desacata a gente, que é revelia
Que é feito uma aguardente que não sacia
Que é feito estar doente de uma folia
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os unguentos vão aliviar
Nem todos os quebrantos, toda alquimia
Que nem todos os santos, será que será
O que não tem descanso, nem nunca terá
O que não tem cansaço, nem nunca terá
O que não tem limite...”

Chico Buarque

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai por ter investido em meus estudos e por toda a paciência e confiança devotadas a mim.

Agradeço a minha mãe por ter entendido minha ausência do nosso querido Studio de Dança para que eu pudesse concluir meu trabalho com toda a paz que necessitava.

Agradeço ao querido Raoni pela imensa paciência em me ajudar a entender diversos pontos do meu trabalho durante sua produção e montagem.

Agradeço a minha querida amiguinha Marcela, por toda ajuda e todos os momentos de angústia que repartimos.

Agradeço ao meu orientador, Severino Francisco, por ter me clareado as idéias durante a produção do trabalho.

E por fim agradeço aos amigos por quem tenho muito carinho, que compreenderam minha ausência e me ajudaram muito com as palavras.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal fazer um esboço sobre casos de suicídio juvenil com intervenção da internet, para assim alertar aos pais quanto ao assunto e propor uma maneira de se noticiar o suicídio de forma responsável e esclarecedora sem que haja a necessidade de encobrir a notícia. A não-divulgação do suicídio juvenil pode originar em uma falta de informação, porém a maioria dos meios de abordagem sugere que a publicação do suicídio juvenil tem a capacidade de vir a influenciar de maneira negativa muitos outros jovens e assim acaba dando preferência por não divulgar os fatos. A idéia é desmistificar o tema suicídio como sendo um tabu, mostrando que, com o advento da internet, os manuais de notícia tornaram-se antiquados. Desta forma o trabalho propõe uma reavaliação nos manuais de redação, tomando como exemplo, o manual criado pela OMS(Organização Mundial da Saúde), como parte do SUPRE(Suicide Prevention Program), destinado aos profissionais da mídia, uma vez que vários pontos do manual foram superados com a chegada da internet. Cabe indagar ainda, se o suicídio torna-se realmente contagioso por conta de sua publicação.

Palavras-chaves: suicídio, internet, jovem, notícia, informação.

LISTA DE FIGURAS:

Figura1- Gráfico com taxas de suicídio no Brasil em 2002 (Modificado de World Health Organization, 2002).

Figura 2- Gráfico apresentando o aumento significativo no número de suicídios no Japão.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1. Sobre o suicídio na adolescência.....	12
CAPÍTULO 2. Apropriação, modificação da linguagem e influencia exercida pela internet sob os jovens	15
CAPÍTULO 3. A internet, os jovens e a busca de informações acerca do Suicídio.....	17
CAPÍTULO 4. Suicídio contagioso ou como imitação	19
4.1. O suicídio e a imprensa	21
CAPÍTULO 5. Manual de abordagem do suicídio	24
5.1. Os manuais de suicídio tornaram-se obsoletos diante da internet	25
CONCLUSÃO	28
BIBLIOGRAFIA	30
ANEXOS.....	32

INTRODUÇÃO

O tema suicídio deve ser tratado com muito cuidado e atenção. Por esse motivo é necessário contextualizar o leitor em relação ao surgimento do interesse pelo tema.

De um lado da tela do computador, um adolescente considerado superdotado, descrito como “extraordinariamente inteligente” e “extremamente sensível”. Do outro lado da tela, o mesmo adolescente com outro nome, que dizia que o mundo o fazia doer e pedindo instruções sobre o melhor método de suicídio. Vinícius Gageiro Marques e Yoñlu. Duas pessoas em uma mesma situação existencial, ambas com personalidades completamente distintas uma da outra. Eles são personagens de um cenário chocante onde tudo aconteceu no ano de 2006.

Antes de começar a morrer, colou a carta no lado externo da porta do banheiro. Acima dela, um cartaz: “Não entre. Concentrações letais de monóxido de carbono”. Vinícius ligou o aparelho de som –“porque é bom morrer com música alegre” – e entrou.
(BRUM/ AZEVEDO, 2008)

O caso do garoto Vinícius Gageiro, de 16 anos, ficou conhecido no Brasil por ter aparentemente sido o primeiro a se tornar público. Ele é considerado vítima de um caso cada vez mais comum no mundo inteiro: o de jovens que se suicidam com a ajuda de pessoas e informações obtidas em sites por meio da internet. O caso de Vinícius veio à tona e foi exposto com detalhes para o mundo inteiro em vários meios de comunicação. A revista *Época* publicou matérias em que detalhava o perfil do adolescente e como se deu seu trágico fim (ANEXO1) e uma entrevista com o psiquiatra do rapaz, tentando esclarecer algo sobre a situação. (ANEXO 2)

Os manuais de redação dos veículos de comunicação vetam assumidamente a divulgação de suicídio ou morte voluntária como também é chamada. Tal atitude foge a uma das essenciais condições do jornalismo: a clareza. Quando o suicídio é noticiado ele vem acompanhado de um alto teor de eufemismos como “as causas da morte não

foram divulgadas” ou “acidente com arma de fogo” e ambigüidades nas palavras. Para Arthur Dapieve (2007, p. 161), “a ambigüidade das palavras usadas pela imprensa expõe o leitor à tensão entre a notícia espetacular e o temor da contaminação, quase que regra quando o assunto é (ou pode ser) morte voluntária.”

Antigamente, a tática de se ocultar o suicídio poderia ser encarada como uma maneira de se obter resultados positivos pelo fato de não influenciar em novos suicídios, uma vez que a notícia não se propagava com tamanha velocidade e através de tantos recursos. Porém no século XXI, o século em que nos encontramos, tem proporcionado acesso público a todo e qualquer tipo de informação; dentre as mais variadas notícias que circulam na rede mundial de computadores, encontram-se, sensacionalismo barato, banalidades, termos mal usados para falar a respeito do suicídio e métodos e técnicas de como proceder para dar fim à própria vida. Entretanto, os precursores da notícia em geral parinteressados em fazer algo a respeito para que se inverta a situação.

O objetivo deste trabalho é analisar as ligações entre casos de suicídio juvenil com a transmissão da notícia frente ao aparecimento da internet e mostrar que a cobertura do suicídio é uma oportunidade de fornecer informações e recursos que podem salvar vidas.

Como objeto dessa pesquisa será analisado o Manual da Notícia para Profissionais da Mídia, criado como parte do SUPRE. Um manual que foge aos padrões contemporâneos ao desconsiderar a perda de controle de informações obtidas por meio da internet.

Para Silverstone(1999, p.75) "é preciso pelo menos uma compreensão do local certo da exigência textual num ponto de vista histórico, sociológico e antropológico. É preciso uma avaliação do mistério e da mistificação" e para Burke,(apud SILVERSTONE, 1999, p. 75, grifo do autor) "No mistério deve haver estranheza; mas o estranhado também deve ser pensado como, de alguma forma, capaz de comunicação"

É utilizada para a construção deste trabalho o método de pesquisa bibliográfica e em artigos na internet.

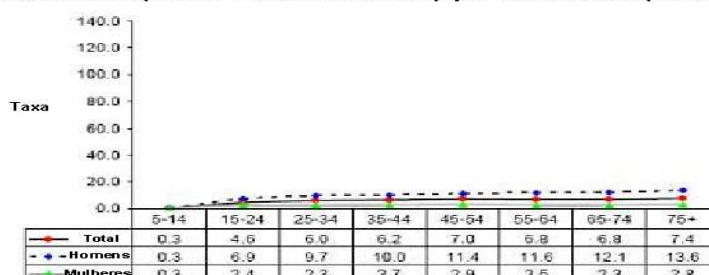
CAPÍTULO 1

1. Sobre o suicídio na adolescência

A adolescência é uma época da vida em que tudo parece tomar maiores proporções, uma fase em que ocorrem muitas cobranças e perdas e a dificuldade enfrentada durante a transição da criança para o adulto pode contribuir para confusão de valores e acarretar muitos problemas psicológicos. Alguns jovens não demonstram controle suficiente para procurar ajuda ou até mesmo não o fazem por falta de coragem e essa falta de coragem pode muitas vezes acabar em pensamentos e idéias que remetem ao suicídio. A preocupação acerca do suicídio é algo que parece estar cada vez mais cedo presente entre os jovens e, muitas vezes, problemas que poderiam ser superados acabam tendo um trágico fim. Muitas das mortes são conseqüências de casos que possuem tratamento.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o suicídio juvenil está entre as três maiores causas de morte entre os jovens e dados comprovam que os números vem aumentando a cada ano no Brasil.

Taxas de Suicídios (a cada 100.000 habitantes) por idade e sexo (no Brasil - 2002)



Número de suicídios por idade e sexo (no Brasil - 2002)

Idade	5-14	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65-74	75+	All
Homens	55	1226	1387	1217	961	582	355	218	6025
Mulheres	54	411	334	342	265	141	83	61	1694
Total	109	1637	1721	1559	1226	723	438	279	7719

Figura 01 - Gráfico com taxas de suicídio no Brasil em 2002 (Modificado de World Health Organization, 2002).

De acordo com a psicóloga Lara Ferreira, são muitos os motivos que contribuem para que ocorra o suicídio juvenil. As drogas; a timidez; o fracasso escolar; problemas de relacionamento familiar, sentimental e sexual. Esses fatores se mostram mais potentes se vierem acompanhados da depressão, que quando o jovem se apresenta próximo a sua cura é um dos momentos de maior alerta e tem sido uma das principais causas de suicídio nessa faixa etária. Acreditava-se que a depressão só atingia a indivíduos adultos, mas sabe-se hoje que ocorre em todas as idades, inclusive na adolescência, onde a mudança do corpo e a transição da identidade infantil para a adulta cobram atitudes e responsabilidades de adulto.

Como no adulto, a depressão na adolescência está relacionada com a falta de circulação de algumas substâncias que auxiliam no bom funcionamento do nosso cérebro. Associado às dificuldades deste período e a uma genética favorável, essa deficiência nas células nervosas pode desencadear um episódio depressivo, o qual, se não tiver a devida atenção e tratamento, conduz a idéias suicidas. (FERREIRA, 2006).

De acordo com Marcelo Tavares, em entrevista ao site da secretaria de comunicação da Universidade de Brasília, alguns fatores são determinantes nas medidas de prevenção do suicídio:

- Promoção da qualidade de vida;
- Desenvolvimento de estratégias de informação, comunicação e sensibilização da sociedade de que o suicídio é um problema que pode ser prevenido;
- Identificação de fatores de proteção;
- Incentivo a valorização do ser humano;
- Não exclusão da responsabilidade de toda a sociedade.

O suicídio juvenil é algo que pode ser evitado e que não deve ser descartado somente como ato de loucura ou doença mental. O suicídio mais do que isso é algo que deve ser encarado como um problema social. Para o filósofo argentino Júlio Cabrera (CABRERA, 1990, apud DAPIEVE, 2007, P. 165), “o suicida desafia as supervisões institucionalizadas da vida, e cai na dupla condenação de ‘doente’ e ‘subversivo’”.

No próximo capítulo é retratada a globalização e como ela vem contribuindo para que muitas coisas boas e ruins aconteçam. Em um mundo cada vez mais globalizado, as informações surgem com cada vez mais facilidade através de todos os meios, televisão, rádio, internet..., mas o meio que tem se sobressaído aos outros com maior acesso às pessoas e às informações, sejam elas quais forem, é a internet. Ela é o espaço onde não precisa existir um verdadeiro “eu”, as verdadeiras informações a respeito de si mesmo ou para o que servirão quaisquer informações procuradas.

“A televisão agora acompanha as crianças pelo globo até mesmo antes de elas terem permissão para atravessar a rua” (MEYROWITZ, 1985, p.238 apud SILVERSTONE, 2002, p. 199, grifo do autor).

CAPÍTULO 2

2. Apropriação, modificação da linguagem e influência exercida pela internet sobre os jovens

No mundo atual, com o acesso a uma ampla gama de tecnologia e da informação, os jovens encontraram uma forma criativa e ágil de se comunicarem: o *internetês*. Uma linguagem criada e modificada para facilitar a vida dos adolescentes através da internet.

O Internetês é uma forma de expressão grafolingüística que engloba abreviações de sílabas e simplificações de palavras em que se eliminam principalmente as vogais. Dessa maneira os jovens valorizam a pronúncia e eliminam os acentos para facilitar a comunicação através da internet. (OBERDERFER/ BODANESE, 2006).

A internet é um meio de tão fácil acessibilidade para os jovens, que eles acabam perdendo o interesse por pesquisas, estudos e entretenimento em outras áreas. Está tudo ao alcance de um simples clique. As páginas liberadas são de fácil acesso e os avisos de censura não oferecem a certeza de que não será um adolescente quem estará em frente à tela do computador. Juntando o fator de não controle sobre o meio cibernético a vários outros fatores, vem ainda a curiosidade trazida por cada jovem com suas idades, hormônios, disfunções e sentimentos confusos.

De acordo com Roger Silverstone (1999), a nova mídia(internet), exerce uma grande função: a de entreter.

Recorremos a programas ou web-site que pensamos nos satisfarão, tentando recuperar o alvoroço, a diversão de ontem. As indústrias da mídia estão equipadas para fazer vir o prazer, fácil e eterno. Naturalmente. Nossos próprios Xanadus particulares. Os CD's empilhados até o alto no canto da sala, os vídeos na prateleira, os sites favoritos a distância de um clique. (SILVERSTONE, 1999, p. 95).

São muitas as formas encontradas na internet que dão acesso às informações: *blogs, chats, emails, fotologs* e por aí segue uma extensa lista. A internet possui meios com dezenas de possibilidades de se obter qualquer tipo de informação. Temos como exemplo os weblogs ou blogs, que representam uma forma de comunicação em crescimento na internet e que acabam por trazer cada vez mais informações a quem lê.

:

Um texto publicado em um blog é um produto trabalhado, mas não detém a palavra final nem é normativo. O espaço para comentários, típico da maioria dos blogs, transforma-se em fórum de discussão, de que participa qualquer interessado. Constrói-se, assim, no espaço virtual, um tipo de comunidade de indivíduos com interesses comuns. (ALMEIDA, 2007).

O excesso de informações pode gerar confusão e/ou desinformação, em um público leigo sobre determinado tópico. Esta é uma das tendências dos blogs, com cada vez mais informações de credibilidade duvidosa. Em que medidas essas novas tendências podem afetar o meio social? Que tipos de laços sociais as novas tecnologias podem produzir? Como as pessoas se submetem ou reinventam o uso da tecnologia?

CAPÍTULO 3

3. A internet, os jovens e a busca de informações acerca do suicídio

A internet nos dá não somente rapidez e acesso a novos eventos e comportamentos; ela nos dá, além disso, novos eventos e novos comportamentos; novas linguagens, novos entretenimentos e novos amigos.

Na medida em que permite o acesso a informações de formas diferentes, o meio de comunicação altera as situações sociais.

A televisão e sobretudo a internet fornecem o espaço global para o tráfego global de imagens, idéias e crenças que podem ser, manifestamente, compartilhadas. Como se ver e ouvir fossem compreender. Como se informação fosse conhecimento e como se acesso fosse participação. Como se participação fosse efetividade. Como se comunidades de interesse pudessem substituir comunidades interessantes. Como se o bate-papo global, tanto sincrônico como as sincrônico, fosse comunicação. (SILVERSTONE, 1999, P. 211).

As novas tendências afetam o meio social. A tecnologia é incorporada nas atividades cotidianas, produz laços sociais. As pessoas vão reinventando os usos da tecnologia.

Cada vez mais os indivíduos preferem buscar informação e conteúdo simbólico em outras fontes do que nas pessoas com quem interagem diretamente no dia-a-dia. A criação e a renovação das tradições são processos que se tornam sempre mais interligados ao intercâmbio simbólico mediado. (THOMPSON, 1998, P. 82).

Entre os desafios específicos das novas tecnologias, Dominique Wolton(2006), estudioso da comunicação, aponta em primeiro lugar, no texto “A diversidade no mundo globalizado”, que as técnicas não bastam, por si só, para criar a comunicação. Ou seja, há que se considerar a oposição entre a velocidade da informação e o vagar da comunicação, entre o desempenho técnico e as dificuldades da intercompreensão entre indivíduos e coletividades reais. Em segundo lugar, a necessidade de uma reflexão

acerca do tipo de informação produzida por estes sistemas técnicos. Em outras palavras, a relação/oposição entre a facilidade de acesso e competência para a assimilação e a manipulação de informações e conhecimentos.

No site *IOL PORTUGAL Diário*, uma matéria sobre suicídio com intervenção na internet, traz o psicólogo Pedro Frazão comentando a ocorrência desses casos. (ANEXO 3)

CAPÍTULO 4

4. Suicídio contagioso ou como imitação

O suicídio por contágio, nada mais é que um retrocesso, mais ou menos repetido, de fatos individuais. O suicídio pode ser enxergado como retórico por ser considerado influente. Porém não lida com a retórica de uma maneira positiva.

Silverstone(1999, p. 63;64) defende a idéia de que a linguagem da mídia é retórica, deixando claro o significado de retórica como sendo persuasão. Uma linguagem guiada para a ação, para a mudança de sua direção e para sua influência. Uma linguagem orientada para a mudança de atitude e de valor.

O discreto tratamento do tema suicídio pela imprensa mal esconde o temor disseminado de que se noticiar um caso possa conduzir a outro. Daí a necessidade de fazer cada um aparentar ser único, isolado, fechado, fruto amargo de uma perturbação pessoal.
(DAPIEVE, 2007, p. 163).

Não há dúvida de que a idéia do suicídio pode ser passada de forma contagiosa, porém costuma-se atribuir a imitação, certo número de fatos que nos parecem ter uma origem totalmente diferente.

A radialista norte-americana, Cindi E. Deutschman-Ruiz afirma que,

Suicídios por imitação são um problema real, porém, os especialistas estão certos quando geralmente concordam que não se trata de questionar se a mídia deve ou não cobrir suicídios, mas como ela o deve fazer.
(DEUTSCHMAN, 2003).

Casos de suicídio que vêm ocorrendo no Japão são exemplos que não são considerados como imitação ou contágio, pois são pactos de suicídio coletivo, fechados através da internet. Os protagonistas agendam dia, hora, local aonde se encontrarão

para concluir o suicídio e os métodos que utilizarão. Geralmente todos através do mesmo método. De 2003 a 2006 o número de pessoas que morrem desse modo praticamente triplicou. Vide o gráfico abaixo, feito com base nos dados das autoridades Japonesas:

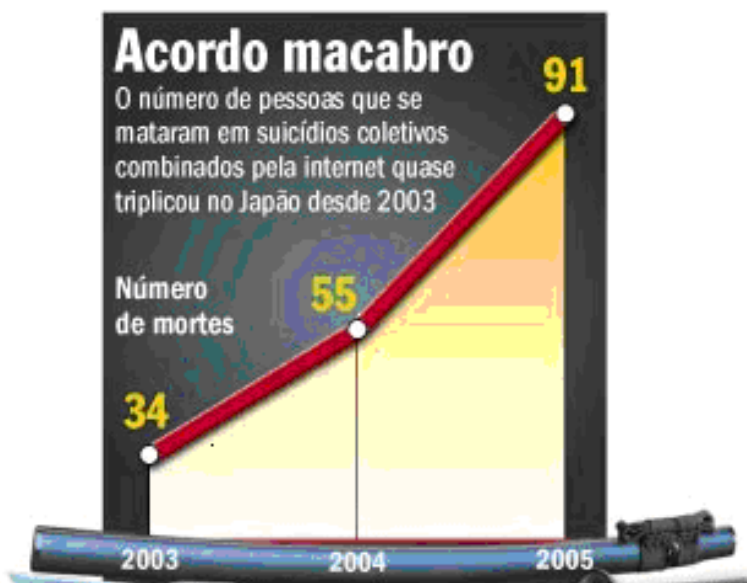


Figura2

Durkheim (1897, p. 121) não acredita que esse tipo de suicídio em massa ocorra apenas como repetição. Parecem vir de uma decisão coletiva de um verdadeiro consenso social, mais que de uma simples idéia de contágio. Complementa argumentando que a idéia não nasce de um sujeito em particular, e dele passa para outros; é tida pelo grupo em conjunto que, colocado em uma situação de desespero, toma uma decisão pela morte voluntária. Em casos como esse, o suicídio é quase sempre noticiado, porém de uma maneira superficial e com uma grande carga de eufemismos.

É necessário deixar clara a diferença entre: contágio, imitação e epidemia. De acordo com o dicionário *Priberam*, esses são os significados de cada um:

- Contágio: transmissão ou propagação por imitação ou outra influência moral.
- Imitação: reproduzir ou tentar reproduzir exatamente o que outro faz; tomar como modelo.
- Epidemia: doença que ataca ao mesmo tempo e no mesmo lugar muitos indivíduos;

Tendo claras, as definições, vê-se que o suicídio está mais relacionado a casos de imitação e contágio do que epidemia.

4.1. O suicídio e a imprensa

Em 1774, houve a publicação de um romance chamado *Werther*, de Johann Wolfgang Von Goethe. Neste mesmo ano, a Europa enfrentou uma sucessão de suicídios de jovens que se identificaram com o amor não-correspondido do protagonista pela sua amada. Os jovens suicidas tomavam como exemplo o livro e usavam da mesma saída para seus sofrimentos: a morte com um tiro de pistola. Arthur Dapieve conta em seu livro que, “exemplares do livro de Goethe eram encontrados ao lado dos moribundos ou dos cadáveres”.

Daí por diante a expressão “efeito Werther” é usada sempre que ocorrem sucessivos suicídios por inspiração de artistas, novelas, livros, sobretudo filmes.

Acredita-se que o sensacionalismo promovido pela imprensa pode contribuir para a ocorrência de novos suicídios, fazendo assim com que deixe de ser um caso noticiado e passe a tornar-se notícia apenas em casos incomuns.

A idéia de que os jornais não só noticiam o suicídio, mas também, publicam listas de mortalidade, descrevem os casos de suicídios mais interessantes, mais estranhos ou mais espantosos, inquirindo sobre as suas circunstâncias e causas, é estudada no livro História do suicídio, de Georges Minois onde ele afirma que o público se familiarizava enquanto sendo excepcionais, mas os comentários da imprensa, escritos e orais mantinham e ampliavam a gravidade da situação. (1998, p. 230)

Também é razoável supor que o procedimento recalcado da imprensa frente ao suicídio reflita o mal-estar de toda a nossa sociedade diante da morte voluntária. Por que, mais do que os próprios jornalistas, os suicídios levantam questões demais. Questões perturbadoras demais, como aquela proposta por Camus. “Julgar se a vida merece ou não ser vivida”, contudo, não é tão-somente “responder a uma questão fundamental da filosofia”. É ter de admitir que, para um número considerável de pessoas, a resposta é não. (DAPIEVE, 2007, p. 169).

Seqüestros, assassinatos em série, métodos de automutilação e desastres são exemplos de casos denominados: *faits divers* (fatos diversos) e de acordo com o semiólogo francês, Roland Barthes (BARTHES, 1981, apud, DAPIEVE, 2007, P. 162, grifo do autor) quando noticiados com sensacionalismo, podem conduzir a futuros casos, por isso também sofrem um certo eufemismo e se tornam uma informação calada onde o interesse por eles surgem de uma lógica relacional de seus termos, de como são noticiados com termos inesperados também como chocantes.

Conferir a imprensa o poder absoluto sobre o processo de comunicação é ignorar as complexas redes de poder e contrapoder dentro de cada sociedade. Por conta de pesquisas qualitativas diárias quanto da facilidade de interação imediata com os jornais pelo correio eletrônico, ou ainda da feroz competição entre empresas que sobrevivem do gosto

do leitor, nunca as redações foram tão expostas e sensíveis ao mundo fora delas quanto hoje. (DAPIEVE, 2007, p. 168).

Durkheim(1897, p. 122) propõe uma grande mudança na abordagem do fenômeno: ao invés de vê-lo como uma expressão individual de uma doença ou uma loucura, vê-lo como uma expressão individual de um fenômeno coletivo.

Arthur Dapieve (2007, p. 19), diz que Durkheim aceitou a idéia de “contágio” dentro das sociedades e admitiu que, mais do que o mero boca-a-boca, a imprensa poderia potencializar esta transmissão: o suicídio.

A notícia tem grande importância na formação de opinião não só pelo que diz e pelo que não diz, mas também por como diz.

O suicídio não é visto como algo natural. Ainda é encarado como um tabu, que a própria mídia parece ter criado. Karl Marx subscreveu as opiniões de Jacques Peuchet(1758-1830), um ex-arquivista policial de Paris, entre outras coisas, como jornalista e funcionário de ministério, sobre o assunto, lembra Dapieve(DAPIEVE, 2007, p. 22) e ainda acrescenta que os dois autores defenderam que:

O suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. O que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios. O suicídio sempre esteve presente no mundo em todos os tempos e é cada vez mais ocultado. Somos testemunha com freqüência, porém nos recusamos a ver o que ocorre à sua volta, mas a imprensa é nosso espelho.

CAPÍTULO 5

5. Manual de abordagem do suicídio

O suicídio como notícia não é tratado como algo efêmero. Pelo contrário, é encarado como eloqüente por vários estudiosos, formadores de opinião e mediadores da notícia.

Em 1999 a Organização Mundial da Saúde criou um manual de prevenção do suicídio para profissionais da mídia. Ele foi preparado como parte do SUPRE (Suicide Prevention Program), a iniciativa mundial para a prevenção do suicídio.

Devido a grande influência das informações passadas pelos mais variados recursos através da mídia, os meios de comunicação desenvolvem um papel ativo na prevenção do suicídio.

Um dos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida, é a publicidade sobre os suicídios que ocorrem em geral e que são mal noticiados. Essa má informação da notícia acerca de casos públicos de suicídio pode influenciar na ocorrência de novos suicídios. A idéia de que o suicídio pode ser contagioso não vem de agora.

Muitos estudiosos e profissionais da saúde vêm estudando vários casos de TV, livros, teatro e música que foram e são vistos como fatores influentes do suicídio.

Antes de mais nada não pode haver imitação sem que haja um modelo a imitar; não há contágio sem um foco do qual ele emane e no qual tenha, por conseguinte, o seu máximo de intensidade.
(DURKHEIM, 1987, p. 123)

O impacto de imitação ou contágio parece ser maior entre os jovens. O manual procura “ênfatizar o impacto que a cobertura midiática pode ter nos suicídios, indicar fontes de informação confiáveis, sugerir como abordar suicídios tanto em circunstâncias gerais quanto específicas e apontar as armadilhas a serem evitadas nas coberturas de suicídios.”

E sobre a maneira como alguns suicídios são noticiados, enfatiza que algumas formas de noticiários e coberturas televisivas de suicídios podem se associar a um excesso de suicídios subseqüentes e significativos, estatisticamente falando. O suicídio possui um apelo suficiente para se tornar notícia e a mídia pode mostrá-lo, apesar de a maioria dos suicídios não serem noticiados. O suicídios geralmente noticiados são os que fogem aos padrões usuais ou envolvem pessoas de cunho importante ou famosas.

5.1. Os manuais de prevenção ao suicídio tornaram-se obsoletos diante da internet

Ao apresentar o que se deve ou não dizer ao noticiar um suicídio, fica clara a percepção de que especificamente o manual do SUPRE, não foi criado nem modificado através de adaptações necessárias com o advento da internet:

O que fazer:

- Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.
- Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”.
- Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos.
- Destacar as alternativas ao suicídio.
- Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.
- Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida.

O que não fazer:

- Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas.
- Não informar detalhes específicos do método utilizado.
- Não fornecer explicações simplistas.
- Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.

- Não usar estereótipos religiosos ou culturais.
- Não atribuir culpas.

Todos os pontos especificados em “o que não fazer” da tabela do SUPRE já foram alcançados e ultrapassados pela internet. Muitos casos de suicídio, em grande parte juvenil, têm sido divulgados através de sites da internet, sites destinados exclusivamente para a obtenção de informações a respeito dos casos. Sites contendo fotos, métodos utilizados, explicações detalhadas de como se sucedeu o fato e mostrando cada vez mais detalhes que caem no julgamento público atribuindo culpados e não culpados.

A internet mantém o mundo informado acerca de toda e qualquer informação e não é diferente quando se trata de casos de suicídio. Em sua grande maioria, as informações são passadas de maneira errônea e sem responsabilidade, gerando um grande sensacionalismo em torno da notícia. Grande parte dessa publicidade sensacionalista que se gera faz com que os próprios adolescentes não entendam o caso de maneira clara e acabem buscando mais e mais notícias, tirando assim suas próprias conclusões.

O manual deixa claro que:

Um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios. A maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios.
(SUPRE, 2000)

Logo, o que se sugere é que o que pode acarretar em um aumento significativo no número de suicídios é a maneira como o suicídio é noticiado e não o fato de SER noticiado.

Estima-se que no mundo todo existam mais de 100 mil sites que abordam o assunto; e o que preocupa é que a maior parte da abordagem é feita das maneiras mais inadequadas. São todas especulações de curiosidades juvenis e pedidos de informações sobre procedimentos de suicídio.

Em uma rápida procura no Orkut se encontram comunidades que ensinam como uma pessoa pode se ferir e que tipo de reação deve esperar. Dois dias depois do cantor Marilyn Manson ter feito um show em Lisboa, há uma música do cantor norte-americano «Mutilation is the Most Sincere Form of Flattery» como tema para uma conversa sobre auto-mutilação.(FRANÇA, 2007)

A Situação serve para exemplificar um caso de imitação por influência. Não necessariamente suicídio, porém algo que afete a si mesmo.

CONCLUSÃO

A idéia de que o manual de abordagem do suicídio do SUPRE tornou-se obsoleto parte da constatação de que a internet é atualmente o maior meio de comunicação para se obter informações. A internet não pára de se desenvolver e o mundo está cada vez mais tecnológico e globalizado. As informações chegam por todos os lados da internet sem filtragens 100% eficazes e o controle da notícia se perde em meio a tantos novos meios de obtenção.

Uma melhor alternativa para os manuais seria, então, uma abordagem por parte das redações com explicações elucidativas para casos de suicídios que já são expostos pelas redes da internet. Não seria o caso de se noticiar todo e qualquer suicídio, assim como não se noticia todo e qualquer caso que fuja a normalidade. A necessidade surgiria a partir de um caso já exposto ou com grande especulação em torno. Assim, se explicaria o caso de maneira simples e completa, fazendo desta maneira com que o jovem pudesse obter as informações esclarecedoras e que elas não influenciassem como atenuantes, mas sim ajudando o jovem a refletir a propósito de várias saídas que não o suicídio, e deixando claro o quão grave é a morte voluntária.

Existe a necessidade de propor, também, que o manual deixe de ver e apontar o suicídio como sendo somente um caso de saúde pública. Partindo do pressuposto de que as regras do manual sejam reavaliadas indicando o suicídio como sendo um caso filosófico, teológico, médico e sociológico, ou seja, mais social do que qualquer outra causa, o suicídio passaria a receber uma maior atenção com respeito pela imprensa, evitando-se o sensacionalismo e deixando de trazer à tona e apontar como culpado mais do que qualquer ou simples problema de saúde pública. O que se propõe é a propagação da notícia da maneira mais responsável possível, com o argumento de que a informação pode também e acima de tudo, salvar vidas.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

1. DAPIEVE, Arthur. **Morreu na contramão - O suicídio como notícia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
2. DURKHEIM, Emile. **O suicídio**. 2. ed. Portugal: Presença, 1977.
3. MINOIS, Georges. **História do suicídio: A sociedade ocidental perante a morte voluntária**. Lisboa(Port): Teorema, 1998.
4. SILVERSTONE, Roger. **Porquê Estudar a Mídia?**. São Paulo: Loyola, 2002.
5. THOMPSON, John. **A mídia e a Modernidade - Uma teoria social da mídia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.
6. WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

Documentos eletrônicos:

7. ALMEIDA, Marco Antônio. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. **Informação, comunicação, cultura e sociabilidade na Internet: Algumas aproximações e uma pré-agenda de pesquisa. Página da internet**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1867-1.pdf>
Acesso em: 13, Out., 2008.
8. COELHO, Sarita. Marcelo Tavares. Disponível em:
<http://www.secom.unb.br/entrevistas/tv0906-02.htm>
Acesso em: 15, set. 2008.
9. DEUTSCHMAN-RUIZ, Cindi E. "Reporting on suicide." Disponível em:
http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=54176
Acesso em: 02, set., 2008.

10. FERREIRA, Lara. **O suicídio na adolescência**. Disponível em:

<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=277>

Acesso em: 20, Out., 2008.

11. FRANÇA, Judite. **Suicídio: Perigo espreita online**. Disponível em:

<http://diario.iol.pt/noticias/suicidio-internet-aveiro-auto-mutilacao-pp-jovens/882507-291.html>

Acesso em: 14, Out., 2008.

12. OBERDERFER, Márcia/ BODANESE, Elizabeth. **Internetês: uma possibilidade de comunicação**. Disponível em:

<http://pessoal.pb.cefetpr.br/eventocientifico/revista/artigos/0608001.pdf>

Acesso em: 13, Out., 2008

12. OMS. **Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia**.

Disponível em:

http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf

Acesso em: 20, Out., 2008.

13. Priberam Dicionário.

Significados de:

Contágio:

http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

Epidemia:

http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

Imitação:

http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

ANEXOS:

ANEXO 1: Matéria da revista *Época* publicando matéria em que detalha o perfil do adolescente e como se deu seu trágico fim.

ANEXO 2: Entrevista em matéria da revista *Época* com o psiquiatra do rapaz.

Anexo 3: Matéria no site *IOL PORTUGAL Diário*, sobre suicídio com intervenção na internet trazendo o psicólogo Pedro Frazão.

